



## Hip-hop / Influências

Junho de 2009: **Mourad Merzouki** é nomeado director do Centre Chorégraphique National, em Creteil. Alguns meses antes, o seu colega Kader Atou tomou o mesmo cargo no CCN de La Rochelle. Como tal, o hip-hop fez sentir-se em casa nestas duas grandes instituições de dança contemporânea francesas. Um grande sinal de aprovação institucional para uma dança que nasceu nas ruas!

Do alcatrão para o soalho do palco, o trajecto do hip-hop estava longe de completo. Outros haviam já tentado ultrapassar essa barreira. Nascida nas ruas de Nova Iorque no final dos anos 70, esta dança urbana espalhou-se rapidamente por todo o mundo até se tornar numa forma de expressão coreográfica.

Embarque neste Tema e percorra as estradas onde o hip-hop se desenvolveu. Um *melting-pot* de culturas, fruto de hibridações musicais e de movimento, agora – como sempre – o hip-hop continua a ser alimentado por novas experiências.

### 1. A dança como um desafio

#### *Kamanda*

Abrir este Tema com um excerto de *Kamanda qu'en pense-tu*, uma peça do coreógrafo Georges Mamboye, da Costa do Marfim, pode dar a impressão de que as raízes do hip-hop estão na dança africana. Mas este seria um atalho precipitado e enganador. Original dos guetos negros, a dança hip-hop é produto em parte igual da cultura americana, forjada num contexto social e cultural específico dos Estados Unidos durante os anos 70. Este excerto, mesmo assim, lembra-nos que milhões de africanos foram deportados como escravos para território americano e que hoje os seus descendentes são parte da nação americana. É também seu objectivo evocar as bases iniciais da energia e dinâmica do hip-hop: improviso e desafio. Neste excerto, cada um dos bailarinos segue uma deixa dada pelo percussionista e embarca numa série de movimentos, por vezes desafiadores, aumentando em velocidade para chegar a um final virtuoso. À volta, outros bailarinos continuam o *beat* e gritam frases encorajadoras, mas continuam prontos para, a qualquer momento, mostrarem do que são capazes.

O *break dance* desenvolveu-se ao longo de linhas semelhantes. Nos passeios do Bronx, no meio de um círculo, jovens de bairros pobres desafiar-se-iam ao improvisar movimentos acrobáticos e figuras no chão, ao som de rádio-cassetes. Mas algo mais ali se passava: a emulação coreográfica entre os bailarinos tinha substituído as lutas. A dança ganha à violência!



## **Balé Folclórico de Bahia**

Os “capoeiristas” do Balé Folclórico de Bahia, um grupo brasileiro de dança, confrontam-se numa luta que não é mais que uma simulação. Originalmente, a capoeira, uma expressão de revolta contra a sociedade escravizante brasileira, permitia aos escravos treinarem um combate sob a máscara de uma dança acompanhada de música e canções. Aqui no palco, os bailarinos definem o seu espaço circular – a roda – com saltos e poses acrobáticas antes de procederem ao complexo jogo de ataque e esquiva. Círculo, desafio, competência, tudo ritmado: estes são também ingredientes do hip-hop!

## **História da dança Jazz**

Antes do hip-hop, a América havia produzido um estilo de música e dança que em 1917 ficara conhecido como jazz. Apesar do clima de racismo e segregação que se mantinha entre os padrões brancos de origem europeia e os seus escravos negros, deportados de África, as duas comunidades observavam-se e importavam os seus ritmos e movimentos mutuamente. Desta forma, marchas militares, jigas e quadrilhas foram fundidas com danças conhecidas dos escravos, dando origem às danças jazz. Entre estas está o sapateado, o resultado do cruzamento dos passos de dança inglesa com tamancos e dos tambores irlandeses, misturados com ritmos africanos sincopados.

## **Jazz Tap Ensemble**

Em *Interplay*, os dois solistas do Jazz Tap Ensemble competem mutuamente em habilidades (ainda outro desafio!), ao som da música. Mas quando a banda fica em silêncio deixa os bailarinos completamente livres para improvisar e produzir passos extraordinários de grande complexidade.

É isto que, embora em registos diferentes, têm em comum com os bailarinos de hip-hop: a capacidade de improvisar e a procura de virtuosismo.

## ***Blue Until June***

Fruto do cruzamento, o Jazz sempre permitiu que outras experiências se lhe juntassem. Na Broadway, dos anos 40 aos anos 60, os bailarinos de jazz misturaram-se com as esferas do *ballet* clássico e da dança moderna. Como resultado destas trocas, criou-se uma nova dança de palco chamada Jazz Moderno. Ancas ondulantes, troncos fluidos, isolamento entre os membros superiores e inferiores, entre ombros e cabeça, todas estas são características do Jazz Moderno. Vestígios de linguagem clássica, como arabescos e voltas rápidas, podem também ser vistos. A peça *Blue until June*, dos Ballets Jazz de Montréal, inclui um *grand jeté*, saltos *en attitude* e, acima de tudo, o académico *port de tête* enquanto os bailarinos se movem pelo palco.

## **2. Do break à punching-ball**



### ***C'est ça la vie?!***

Quando os bailarinos de hip-hop alcançaram o palco na década de 1990 começaram a usar conhecimentos de outros estilos artísticos para renovarem a sua própria arte. Alguns temiam que ao fazer isto o hip-hop perdesse a sua alma, a sua energia e se esgotasse. Nada disso aconteceu. Prova disto é a peça *C'est ça la vie?* da Pokemon Crew, da qual alguns membros ganharam prémios em “batalhas” de campeonatos internacionais. Ao passar da rua para o palco, o maior problema é fixar a dança numa intenção artística coerente. No tapete do palco, a *break dance* da Pokemon reformula-se em duos e trios. A dança organiza as suas inovações acrobáticas e contorcionistas de forma a transmitir uma mensagem, tornada legível pela adição de elementos cenográficos.

### ***Boxe Boxe***

“Dançar com uma mensagem não é para mim”, afirma por outro lado Mourad Merzouki. O coreógrafo da companhia Käfig é, ainda assim, a favor de “oferecer hip-hop numa variedade de aspectos diversos e liberá-lo das algemas originais”, onde, a seu ver, esteve confinado por muito tempo.

Agora, no seguimento de muitos trabalhos que atraíram bastante atenção em França e no estrangeiro, aqui está ele a usar o boxe como metáfora para o acto coreográfico. Neste excerto de *Boxe Boxe*, o espaço circular torna-se a arena onde o bailarino confronta as suas próprias ansiedades. O vocabulário de *break dance* pede emprestados vários contornos e, assim, estabelece um diálogo mordaz com o solo. Para a audiência... é um KO!



### Ir mais longe :

CAPOEIRA, Nestor, CHEZE, Gilles (trad.). *Le petit manuel de capoeira*. Noisy-sur-Ecole : Budo-Les Editions, 2003. 1 vol. (286 p.) + 1 CD-ROM (18 min).

MOÏSE, Claudine, MOURRAT, Philippe (collab.). *Danseurs du défi : rencontre avec le Hip Hop*. Montpellier : Indigène, cop. 1999. 144 p. (Indigène esprit).

SEGUIN, Eliane. *Histoire de la danse jazz*. Paris : Chiron, cop. 2003. 281 p.

VERNAY, Marie-Christine. *La danse Hip Hop*. Paris : Gallimard jeunesse, cop. 1998. 47 p. (Carnets de danse).

### Créditos :

#### Seleccção de Excertos

Olivier Chervin

#### Seleccção de texto e bibliografia

Anne Décoret-Ahiha

#### Produção

Maison de la Danse

### Biografia do autor :

Anne Décoret-Ahiha é uma antropóloga de dança, médica da Universidade Paris 8. Orador, formadora e consultora, desenvolve propostas sobre a dança como recurso educacional e projeta processos participativos que mobilizam corporeidade. Ela anima o "Aquecimento do espectador" da la Maison de la Danse.

**O Parcours "Hip-hop / Influências" foi lançado graças ao apoio do Secretariado Geral de Ministérios e Coordenação de Políticas para a Inovação Cultural.**